

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Nossa função docente remete a diversas atividades que envolvem nossas compreensões de mundo e de prática pedagógica. Planejar, definir procedimentos, metodologias, avaliações, ministrar aulas, preencher a burocracia de documentos e estar em diálogo com a comunidade escolar e os/as estudantes são algumas de nossas demandas. Atualmente, somado a isso, em virtude da pandemia, fomos forçados/as a “virtualizar” nossas aulas, a aprender diferentes formas de utilização das tecnologias e ambientes virtuais de aprendizagem e a lidar com a não presencialidade física com nossos/as alunos/as, o que modifica, em parte, o tratamento pedagógico de alguns conteúdos que, por vezes, configuram parte do currículo oculto, ou mesmo, estão ausentes na escola e em nossa formação.

Considerando isso, e apesar do momento político e da crise na saúde vividos no país, pensamos na produtividade de elencar temáticas que atravessam nosso espaço de intervenção seja qual for, mas sobretudo, considerar os diferentes lugares, artefatos, ferramentas e experiências que podem ser usadas para aprendermos a operar com gênero e sexualidade em nossas aulas. A demanda de saber como incorporar, debater ou incluir o gênero e a sexualidade não é nova, entretanto, e apesar disso, ainda são temáticas invisibilizadas e/ou ausentes no contexto escolar, e por isso, os desafios são permanentes.

A demanda do tratamento pedagógico do conteúdo gênero e sexualidade não é exatamente nova apesar dos desafios que ainda representam para a maioria dos professores/as de Educação Física atuantes na escola. Não é uma questão recente, considerando que já aparecem,

nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), algumas ponderações nesse sentido, embora como conteúdos transversais que implicavam na reflexão pedagógica do corpo, gênero e orientações sexuais de nossos/as alunos/as. De lá para cá, com o advento da Ideologia de Gênero¹ e a Escola sem Partido² interferindo na prática docente dos/as professores/as, compreendemos que alguns desafios ainda não foram superados.

Pensar no gênero e na sexualidade escolar implica em estar sempre tensionando uma lógica naturalizada na escola de que embora os/as alunos/as são heterogêneos, lidamos com eles/as da maneira mais homogênea possível, e como resultado temos uma escola heteronormativa e unilateral. Operar com gênero e sexualidade nas nossas aulas implica em tensionar esses aspectos homogeneizantes e pensar a partir da diferença para o trato com cada aluno/a.

Nos textos apresentados nesse dossiê os/as leitores/as encontrarão reflexões que problematizam os corpos, gêneros e sexualidades nas aulas de Educação Infantil, experiências com a coeducação no Ensino Fundamental por meio de propostas interdisciplinares e também no Ensino Médio integrado a cursos Técnicos. Além disso, há também um ensaio sobre a Educação Física escolar como um espaço possível para o questionamento das masculinidades hegemônicas e o estágio docente como uma instância para pensar gênero e sexualidade no tratamento pedagógico. Duas resenhas contribuem para nossa prática pedagógica: uma proposta de sequência didática que propõe articular o conteúdo da Educação Física desde as práticas esportivas transversalizando-as com problemáticas vinculadas à Educação Sexual Integral (ESI) e a

-
1. Lei nº 26.743, que dispõe sobre a identidade de gênero (2012). Em base a grupos políticos mais conservadores e com interesses religiosos, utilizam a educação como um espaço de intervenção, com o objetivo de controlar e modificar os documentos relativos ao trato pedagógico do gênero e sexualidade na escola e criminalizando o/a professor/a que ensine e debata essas questões.
 2. Esse projeto, articulado a um movimento político de direita e conservador, procura neutralizar a formação e debate político, ideológico e religioso no contexto escolar. Coloca os/as professores/as como agentes capazes de exercer uma doutrinação a ser construída durante o ensino. (PL nº 1.411/2015 e PL nº 867/2015).

apresentação do Guia PAFiC (Promoción de la Actividad Física en Chicas) que se mostra uma ferramenta potencializadora de planejamento, elaboração, desenvolvimento e estímulo para o engajamento de meninas e jovens mulheres estudantes nas atividades físicas e esportivas nas escolas.

Esperamos que esse dossiê auxilie na reflexão e na ação que pode ser realizada a partir das experiências de colegas docentes que vêm investindo na intervenção e investigação com as temáticas de gênero e sexualidade. Boa leitura!

Dra. Ileana Wenez

Dra. Viviane Teixeira Silveira

Organizadoras

Vitória, Cáceres, setembro de 2020.